

PESQUISA EM BRASÍLIA

João Claudio Todorov
Marcel Bursztyn

O Distrito Federal tem características bem particulares. Possui a maior renda *per capita* dentre as unidades da Federação, o maior nível educacional e o maior número de computadores por habitante. Além disso, dispõe de uma notável infra-estrutura universitária e de centros de pesquisa. Sem dúvida, a ciência e a tecnologia se inscrevem entre as vocações da capital brasileira.

A criação da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP/DF), em 1994, representou um grande alento às atividades científicas e tecnológicas da capital do país. Até o presente, um total de 355 projetos de pesquisa foram apoiados e, na perspectiva de tornar o DF um pólo privilegiado de produção e difusão de conhecimentos, apenas em 1995 um total de 36 eventos foi realizado com recursos da Fundação, que recebe dotação orçamentária do GDF.

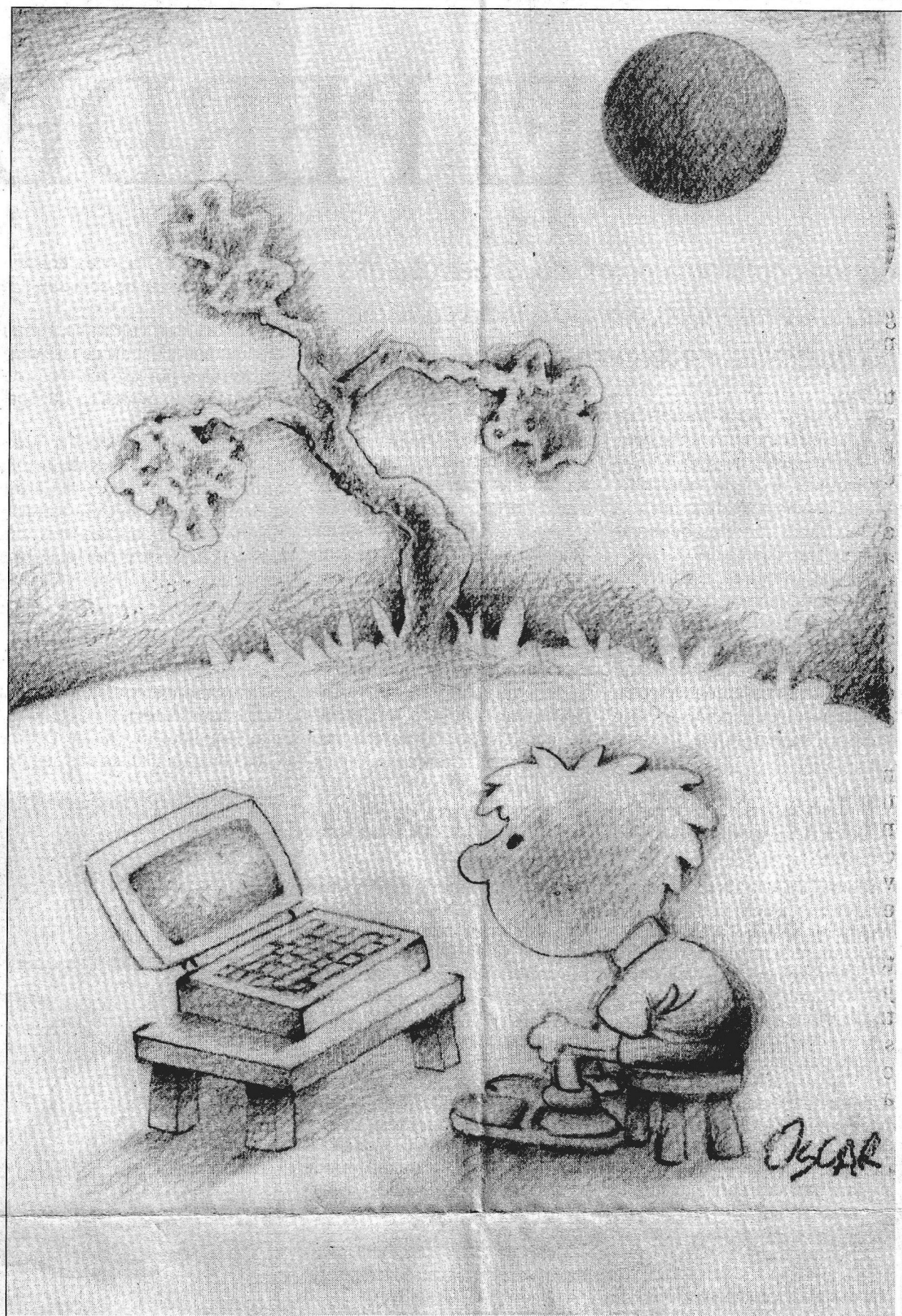
A UnB é a instituição que mais se beneficiou até o presente, com 233 projetos, representando 58% dos recursos aplicados. Sua estrutura de pesquisa respondeu com agilidade à oportunidade aberta pelos editais da Fundação. Em segundo lugar vem a Embrapa, com 37 projetos e 14% dos recursos. Organismos do próprio GDF e outras instituições, inclusive empresas privadas, receberam os 28% dos recursos restantes.

É amplo o universo de pesquisa e eventos apoiados, variando desde estudos sobre a ecologia dos cerrados até o desenvolvimento de tecnologias, além da relevante contribuição que a Fundação vem dando para o aparelhamento de laboratórios e infra-estrutura de pesquisa. O Laboratório de DNA da Polícia Civil do DF, que representa hoje uma referência nacional, foi equipado com recursos da FAP.

Como na maioria dos estados brasileiros, a situação financeira do GDF é difícil no momento. Por conta da recessão, o Orçamento não vem podendo acompanhar o aumento das necessidades de gastos públicos. A folha de pagamento dos servidores consome hoje a maior parte da arrecadação, comprometendo as possibilidades de investimentos.

As atividades de fomento ao desenvolvimento científico e tecnológico não escapam aos imperativos das restrições orçamentárias. Assim, ao final de 1995, a FAP não pôde honrar os compromissos de pagamento de um conjunto de projetos já aprovados pelo seu mérito técnico-científico.

Hoje, considerando a premência de se retomar tais desembolsos — ainda que permaneçam as dificuldades orçamentárias — e coerentemente com as prioridades do governo Cristovam Buarque, a Fundação renova seus compromissos. E, neste momento, dois fatos merecem atenção. Em primeiro lugar, há um



grande número de projetos que não se encontram em condições regulares, por conta da falta de relatórios exigidos pela legislação. Em segundo lugar, há um claro superdimensionamento de valores, em virtude de certos equipamentos terem sido orçados em outro momento.

Para retomar o financiamento das pesquisas, a FAP está convocando a comunidade científico-tecnológica a atualizar seus relatórios técnicos e prestações de conta e a rever seus orçamentos, adaptando-os a parâmetros de custos mais atuais. Com isso, o ritmo de fomento à pesquisa poderá ser retomado.

Paralelamente, é preciso que se

tenha em mente que Brasília não é apenas um local onde vários indicadores apontam condições de vida bem acima da média nacional. Aqui existem graves problemas cuja solução depende em grande parte da ação dos pesquisadores e cientistas. É o caso do desemprego, da saúde, da habitação popular, da viabilização de um sistema econômico que sirva de alternativa à perda de dinamismo do setor estatal. O papel da pesquisa vai, portanto, além da produção de conhecimentos científicos: deve buscar, também, formas de viabilizar a geração e a transferência de tecnologias ao setor produtivo e, ao mesmo tem-

po, gerar subsídios para políticas públicas de natureza social.

A população do Distrito Federal, por intermédio da FAP, subvenciona a pesquisa e espera que os resultados sejam positivos e ajudem a solucionar seus problemas imediatos e futuros. A Universidade de Brasília, consciente de seu papel, vem promovendo ações voltadas à melhoria das condições de vida da população.

■ João Claudio Todorov é reitor da Universidade de Brasília

■ Marcel Bursztyn é professor da UnB e presidente da FAP-DF